

> [vamos construir um edifício
que é um pássaro; e navegar o
corpo da vida que é Terra
vamos vaziar o corpo que é Outro
indo-voltando;
no ciclo das forças vitais
a Vida não pode ser contida;
esgarçam de fissuras os
escombros, engolem o fracasso
em apagar
marcas no chão em que pisamos
de ruína e fratura
são nossos restos mortais.]

> [let's build a building that is a bird;
and navigate the body of life that is Earth
let's leak the body that is Other
going-back; in the cycle of vital forces
Life cannot be contained; rubble crumbles from fissures, swallows
the failure to erase
marks on the ground we walk on
of ruin and fracture
are our mortal remains.]

por Vega de Oliveira

Mestrando em Artes Visuais, Linguagens Visuais, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: vegasabrinado@gmail.com. Orcid: 0000-0002-0332-2588.

É um trabalho realizado em Cachoeira/BA em abril-maio deste ano, onde o cabelo de sete pessoas diferentes, que os doaram, é colocado em rachaduras na terra, em frente às ruínas do antigo Hotel Colombo.

Os cabelos vieram de jovens que moram na cidade.

O edifício, que simbolicamente carrega em seu próprio nome cravejado o peso da colonização, desde sua abertura como hotel nos anos 30 por um espanhol, recebeu diversas figuras importantes de músicos à políticos em sua história. Tornou-se vítima da falta de manutenção, assim como diversas outras construções tombadas da cidade; cidade que foi palco do primeiro confronto entre brasileiros e portugueses no processo da busca pela Independência do Brasil na Bahia, e, hoje, mesmo sendo marco histórico e cultural, com riqueza de manifestações festivas e artísticas, nos campos do cinema, da literatura e do estudo acadêmico, encontra-se com ruínas espalhadas aqui e acolá - pela falta de conservação, especialmente pelo não uso social desses casarões.

Em meu trabalho, procuro evidenciar, através de processos performáticos e escultóricos, as relações entre corpo humano e não humano, orgânico e inorgânico, território e vida, utilizando-me bastante de resquícios materiais de corpos vivos, objetos e materiais de construção.

No trabalho em questão, busquei realizar um processo coletivo, inspirado por pensamentos como os de Malcom Ferdinand e Leda Maria Martins. No trabalho de Malcom (2022), autor da Martinica, argumenta-se em favor de uma ecologia decolonial, que possa dar conta das fraturas abertas pelas estruturas coloniais, que separam e hierarquizam natureza e cultura, meio ambiente e sociedade, e colocam o suposto “Homem” (termo que também mascara a pluralidade humana e suas interseccionalidades) acima e em um lugar de dominância e autoridade sobre as outras manifestações de vida. Abrangendo uma mundificação interespecie que se relacione de forma matricial com o corpo que nos dá vida, o corpo da Terra, o autor sugere que façamos do outro nosso horizonte. Nesse encontro, se forjam alianças que criam novas formas de se relacionar com o todo, formas essas que não vejam no outro, humano e não-humano, recursos a serem explorados.

A partir daí, penso um trabalho que performaticamente evidencie também a complexidade das relações dos corpos uns com os outros; que, em seus encontros onde o horizonte do navegar se faz no corpo-outro, demonstram um tempo espiralar não fragmentado, como pensado por Leda em seu livro

Performances do tempo espiralar. Nessa obra, a autora traz a performance como práticas temporais que são também “um modo de transmissão e um meio de intervenção no mundo”, e reflete acerca da relação de povos afro-indígenas, originários, com o que é ancestral, o que veio antes e é o caminho para entender por onde ir, para se dar conta onde se vive, com quem, a partir de quais construções e quais ruínas. Entender que o outro nunca é algo externo, mas uma extensão de mim mesmo; o antepassado nunca está preso ao passado, mas é memória viva do que há de vir. Na epígrafe de de um capítulo poeticamente intitulado “Os tempos curvos da memória”, Leda coloca uma frase de Bunseki Fu-Kiaú, que aviva essa cosmopercepção: “Eis o que a cosmologia Kongo me ensinou: Eu estou indo-e-voltando, sendo em torno do centro das forças vitais. Eu sou, porque fui e re-fui antes, de tal modo que eu serei e re-serei novamente”¹.

Interligação; do pensamento; da Interdependência; Interespécies. O trabalho propõe que sejamos vazão de um futuro que brota desse solo ancestral. De certa forma, colocar o cabelo-corpo na terra é um voltar à fonte da vida, intentar o útero da mãe, retornar a um estágio embrionário em que a vidamorte abre possibilidades de nascer de novo.

¹ Leda Martins, *Performances do tempo espiralar*: poéticas do corpo-tela, 2021, p. 42.

Referências

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.











